

LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PRAZER, SABER E PODER.

Maria da Luz Duarte Leite Silva (UFRN)

lulinhaduarte@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Temos presenciado no universo escolar ou mesmo na educação, uma inquietação e variadas produções que tematizam questões relacionadas ao ensino da leitura e, especificamente, da leitura literária na escola. Assim sendo, percebemos que esses estudos, em alguns casos, procuram refletir sobre as concepções que orientam as práticas de leitura e de ensino de leitura nas escolas, revelando que, para alguns, a leitura é prazer, poder, saber, desejo, divertimento e fruição. Para outros, é vista como dever, obrigação, ritual, utilidade, conhecimento e informação. Ou seja, independentemente do modo como é entendida, a leitura sempre estará presente nas práticas sociais dos sujeitos, sendo assim, entendemos ser imprescindível na formação de uma pessoa crítica e participativa na vida em sociedade.

Assim considerando o valor da leitura na formação dos sujeitos sociais, é que vemos a necessidade de realizar esse estudo, no qual nos propomos verificar como se dá o trabalho com a leitura de duas professoras: uma do segundo ano do Ensino Fundamental, e outra do terceiro ano em uma escola Municipal de Patu/RN. Como esta pesquisa apresenta pouca duração fizemos um recorte do *corpus* escolhemos dois professores de série diferente, pois entendemos ser capaz de ser realizada.

E como para formar leitores competentes, o professor precisa subsidiar de variados metodologias, de modo a facilitar a construção do conhecimento do aluno, atentando para a funcionalidade dos conteúdos trabalhados, de modo a proporcionar atividades didáticas e, contextualizada que sejam de interesse do aluno e atenda, principalmente, as demandas da sociedade. Desse modo, pautados nesse pressuposto, buscamos analisar como se efetiva as práticas de leitura literária desenvolvidas em sala de aula, atentando para que tipos de leitores a escola está formando.

Para efetivação desta pesquisa, elaboramos um questionário semiestruturado, ao qual foi aplicado a duas professoras da escola pesquisada. A escolha por esse objeto de pesquisa deveu-se ao fato de acreditarmos que, através do questionário podemos conhecer se as falas das professoras refletem os conhecimentos teóricos discutidos pelos estudiosos da área.

Considerando nosso objeto de estudo, e os métodos de pesquisa aqui empregados, a presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de campo, de cunho descritivo e interpretativo, sendo orientada por uma abordagem qualitativa. Para respaldar teoricamente este estudo, subsidiamos, basicamente, em teóricos como Kato (1985), Kleiman (1995), Geraldi (2000), Zilberman (2001), Martins (2007), dentre outros que tematizam sobre o ensino de leitura na escola. Por fim, a organização desse trabalho se estrutura em duas partes: as discussões teóricas e análise dos dados.

1. LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O contato das crianças com o universo literário no período de alfabetização no âmbito escolar pode trazer benefícios valiosos, pois quando se permite ao leitor a possibilidade de se familiarizar com as surpresas, descobertas, imaginações e as visões plurais que lhes são reservadas pela linguagem literária, a sua capacidade crítica se amplia no convívio com o novo, e responde de maneira criativa e crítica.

Compreendendo a importância da leitura literária na formação do sujeito social surge algumas indagações: Como se pode formar um leitor com a leitura literária? Será que a leitura literária forma e/ou deforma? Essas e outras questões devem fazer parte do cotidiano escolar do professor, visto que a literatura com seu poder de encantar, bem como de formar, deve ser um forte aliado para o desenvolvimento da capacidade crítica do leitor. Emília Ferreira em uma entrevista concebida a “TV escola” apresenta que a alfabetização não deve ser desenvolvida com cartilhas, mas sim, com a leitura literária. Isso porque as leituras das cartilhas para a autora são artificiais, apresenta que as crianças ler pela imagem e não pelo escrito.

A opção de alfabetizar com literatura exige do professor um nível de conhecimento teórico e, sobretudo metodológico a respeito de como utilizar a leitura literária de maneira que desperte o saber, prazer e poder no leitor sobre o que está lendo. Para isso, o professor terá que ser um bom leitor, pois não se forma bons leitores sem que seja um leitor competente. Partindo desse entendimento, é interessante que o professor, planeje os momentos de leituras de forma atrativa. Assim, as cartilhas na prática de alfabetização parece apresenta-se como sendo uma proposta, de certo modo, fechada, possuíssem muitas vezes sequências de ações considerando a aquisição do conhecimento como se acontecesse de forma homogênea. Por fim, o que se percebe é que certas atividades expressas nos livros didáticos nem sempre correspondem à realidade da criança.

Mas, o professor como mediador precisa prepara-se de modo que a mediação seja satisfatória para os leitores. Caminhando por essa lógica, acreditamos ser necessário que se conheça as habilidades e conhecimentos que a leitura proporciona ao sujeito. Só assim, o leitor pode então perceber as variadas possibilidades que a leitura pode lhes proporcionar.

Assim, parece que a formação do leitor depende de várias questões como a formação do professor, o modo como é introduzido a leitura para as crianças, o nível de letramento do aluno, ou de suas capacidades cognitivas, as leituras desenvolvidas dentre outros fatores.

Dessa forma, podemos dizer que a literatura pode ser vista como algo que possibilita o leitor criar um universo, realista ou fantástico, imaginário ou real. Ou seja, os sujeitos, as coisas, os fatos, o tempo, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo real, pode assumir uma dimensão diferente, como pertencer ao universo da ficção. Assim, falar em literatura é discutir a vida através da ficção. Parafraseando Compagnon (2006) deve-se não considerar o que é literatura, mas sim, quando é literatura, pois a segunda sugestão envolve o contexto em que a obra se insere.

Logo, ensinar literatura na atualidade não é apenas saber selecionar uma variedade de textos - poemas, poesias, romances, dentre outros -, ou autores, e distribuir em escolas literária, mas sim, é apresentar para o leitor o caráter atemporal, ficcional, maravilhoso, bem como, a função simbólica e social da narrativa literária, seja em qual suporte ela se apresente. Daí, vemos ser fundamental que as escolas possuam propostas pedagógicas com concepções de leitura clara, bem como busquem a melhor estratégia para se trabalhar com leitura literária, pois a literatura é concebida como meio propulsor do gosto pelo ato de ler.

Temos visto que algumas vezes, devido à má aplicabilidade da leitura literária na escola o deslumbramento pelas narrativas literárias vai, gradativamente, dando espaço à apatia, e até ao aborrecimento. Isso posto, devido observamos nas escolas o depoimento de

professores e bibliotecárias sobre o descaso dos alunos quanto a livros de literatura. Esse fato vem ocasionando problema ao educando e, conseqüentemente a sociedade, visto que a criticidade do aluno fica cada vez mais restrita, apresentando aversão a literatura, talvez essa manifestação em não gostarem da literatura é uma forma de poderem demonstrar o seu protesto.

Vale destacar que, se é fato que existem fatores externos à escola que favorecem o despertar do aluno no mundo da leitura, por outro lado não se a escola não procurar estratégias de leitura que favoreça o gosto pela leitura, pode desenvolvendo no aluno a aversão as leituras, principalmente as literárias, já que é no ambiente escolar que as narrativas literárias, devem ser direcionadas para a fruição, para o prazer, poder e saber. Só desenvolvendo maneiras prazerosas de leitura que a escola não utilizará a literatura como pretexto para o ensino, principalmente de língua portuguesa - e não da própria literatura -, dando espaço a uma catequização na escola.

Caminhando por essa lógica, o entendimento das concepções e práticas pedagógicas para o ensino da literatura é de fundamental importância para embasar as ações envolvidas na formação do leitor. Daí, ser relevante que a escola possua uma proposta pedagógica que considere o desenvolvimento crítico e subjetivo do aluno. Para alcançar esse objetivo necessário se faz que o professor esteja a par das concepções de educação que considere o aluno como protagonista na construção do conhecimento.

2. LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PRAZER, SABER E PODER.

Por acreditarmos que o imaginário, está ligado a emoção, a afetividade a subjetividade, é que acreditamos na relevância deste estudo, uma vez que a literatura deve apresentar-se como algo capaz de desenvolver no leitor a construção do conhecimento dando margem a representação simbólica. A partir desse entendimento, vemos a importância de conhecermos como é representado, o prazer, o poder e o saber, na formação do leitor de literatura, visto que tal como propõe Elias José (2007, p. 18), “[...] é preciso ler: pelo prazer pelo saber e para obter poder”. Assim, seguindo essa linha de raciocínio é que procuramos justificar o objeto de estudo ora proposto, uma vez que as narrativas literárias quando bem implementada na sala de aula pode possibilitar ao aluno desenvolver várias habilidades, inclusive o pensamento crítico. Partindo dessa ideia parece ser de grande importância que o professor seja um leitor competente, ou melhor, seja um bom leitor para que possa formar leitores competentes. Vale lembrar que competente aqui é entendido como um leitor assíduo que ler por prazer, poder e saber. É nesse universo que podemos desenvolver a nossa capacidade subjetiva.

Caminhando por essa lógica falar em literatura é falar em vida, mesmo que apresentada através da ficcionalidade, sugestivamente é essa capacidade que tem os textos literários de possibilitar ao leitor viajar por meio das fantasias. Mediante o discutido, recorreremos ao que defende Solé (2008), no que se refere a leitura pois dialoga que não se deve iniciar nenhuma atividade de leitura sem que os alunos sejam motivados para ela, ou seja, sem que lhe atribuam sentido, ou significado. Os alunos precisam saber parafraseando Freire (1984) podemos sugerir que a leitura empírica precede a leitura da palavra e a leitura desta, conseqüentemente aperfeiçoa a leitura daquela. Os alunos precisam conhecer os objetivos que se pretende alcançar com a leitura, pois o que torna a leitura uma tarefa árdua, tediosa, desmotivada talvez seja o fato da ausência de objetivos e planejamentos definidos por parte do professor. De acordo com Brown (1984, *apud* SOLÉ, 2008, p. 92), “os objetivos da leitura determinam a forma em que um leitor se situa frente a ela e controla a consecução do

seu objetivo, isto é, a compreensão do texto”. Ou seja, compreendemos que a leitura seja a literária ou não deve ser realizada com prazer, saber e poder.

Portanto, a leitura, principalmente a literária pode favorecer o desenvolvimento das possibilidades de interlocução, e de interação entre sujeitos, pois sugestivamente pode permite-lhes compreender, criticar e avaliar os modos de compreensão de mundo, das coisas, do outro e suas relações, bem como considerar a estética como imprescindível no mudo da ficção.

Dessa forma, hipoteticamente, a literatura infantil quando bem implementada em sala de aula poder transformar-se em uma das formas eficazes de suscitar o gosto pela leitura na criança, pois conforme postula Goulart (2007, p. 64-65): “[...] a literatura nos letrados e nos libertos, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras[...]”. O teórico parece apresentar que a literatura, além de letrar pode libertar. A partir disso, podemos dizer que talvez a formação do professor possa influir na qualidade do ensino de leitura na escola. Se de fato, “A leitura se faz a partir de um espectro múltiplo: homem, ação social e o conhecimento” (ALMEIDA, 2008, p. 22) acreditamos ser a literatura uma forma que pode proporcionar o desenvolvimento das categorias de análise ora propostas.

Assim, como forma de facilitar a coleta de dados realizamos alguns questionamentos com duas professoras, uma do segundo ano do Ensino Fundamental, e outra do terceiro ano de uma escola pública de Patu/RN. Para identificação das professoras, chamaremos professora A e professora B. O questionário foi composto pelas seguintes questões:

QUESTÃO Nº: 01: Como você trabalha Literatura Infantil?

PROFESSORA “A”:

Com contação de história, dramatização, produção de texto e desenho livre.

PROFESSORA “B”:

Trabalho com o objetivo de ler para os educandos, após fazemos uma segunda leitura com o mundo da imaginação onde os mesmos possam fazer suas descobertas com a leitura e com a literatura infantil que requer imaginações e fantasias.

A professora “A” parece apresentar uma resposta bastante sucinta, relatou que trabalha a literatura infantil com “contação de história, dramatização, produção de texto e desenho livre”. Consideramos sua resposta positiva. No entanto, sentimos falta em sua fala em dizer que trabalha com as narrativas literárias, bem como suas aulas de leituras são sempre planejadas. Sua resposta nos faz remeter-nos aos postulados de Sacristan (1998) quando apresenta: “O plano prévio é o que permite, paradoxalmente, um marco para a improvisação e criatividade do docente. O plano delimita a prática, mas oferece um marco de possibilidades abertas. (SACRISTÁN, 1998, p.279)

Já a professora “B” iniciou sua fala relatando sobre sua metodologia de trabalhar a leitura. Apresenta que ler com os alunos, deixando emergir que assim possibilita ao aluno fluir na imaginação. Será que se os alunos lessem sozinhos tentando construir sentido não viajaria muito mais na imaginação? Para Abramovich (2008, p.17): “Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, [...] e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeiras, de divertimento [...]”. Sugestivamente, não podemos ler histórias para crianças de qualquer maneira, visto que o que se pretende é desenvolver a leitura de forma prazerosa, sem

desconsiderar o processo de letramento e, muito menos a questão estética. Devemos sim, ser facilitadores do encantamento literário por parte das crianças instigando seus conhecimentos e sua imaginação, de modo que elas consigam fazer suas próprias descobertas. Dessa maneira, acreditamos que estar-se desenvolvendo o poder, o prazer e o saber através da literatura.

QUESTÃO Nº: 02: Ao perguntarmos se considera a literatura como uma leitura importante no desenvolvimento do aluno? Tivemos como respostas.

PROFESSORA “A”:

Sim, com certeza, pois a literatura infantil leva a criança a exercitar a sua mente desenvolvendo assim, sua imaginação.

PROFESSORA “B”:

Sim, porque a literatura é um tipo de leitura que a criança se fantasia, e vai muito além do esperado, é um dos gêneros textuais que eu considero importante onde a criança ler por prazer, que é seu mundo imaginário.

A professora “A” parece ressaltar os benefícios que a literatura traz para os educandos que a literatura serve de exercício para a mente, além de despertar a criatividade, o pensante e a imaginação. A sua resposta leva-nos a entender que a mesma parece compreender a importância da literatura no desenvolvimento da criança. Conforme postula Lajolo (2008, p. 106) a literatura é vista: “[...] como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, [...] através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias.”

Caminhando por essa lógica, a leitura literária pode desenvolver não só o imaginário infantil, mas seus desejos e utopias. Por isso, entendemos que quando bem trabalhada a literatura em sala de aula, estar-se despertando no educando o prazer, o poder e o prazer na pela literatura, e, conseqüentemente, o despertar de suas capacidades cognitivas, uma vez que a criança ao se deparar com historinhas poder aguçar a sua capacidade de interpretação.

A professora “B” deixa transparecer em sua fala os benefícios que a prática da leitura literária proporciona, podendo levar a uma viagem através dos pensamentos/imaginação. Até falou em uma das categorias do prazer: “a criança ler por prazer”. Entendemos que a motivação pode favorecer o desenvolvimento do prazer e, conseqüentemente da construção do conhecimento.

Por tudo isso, acreditamos ser necessário o uso de metodologias significativas em sala de aula, de modo a se considerar a importância de possibilitar ao aluno o aprender a aprender pois: “[...] toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade com os mecanismos utilizados em sala de aula.” (GERALDI, 1997, p. 40).

QUESTÃO Nº 03: Ao indagarmos sobre com que frequência trabalha a literatura em sala de aula? Tivemos como respostas:

PROFESSORA “A”:

Sempre, todos os dias nas rodas de conversas tem essa frequência literária.

PROFESSORA “B”:

Costumo trabalhar quase todos os dias, em especial nas segundas e nas sextas, incentivar os alunos a ler no cantinho da leitura com prazer e fazer suas apresentações.

Na fala da professora “A” sugestivamente, percebemos mais firmeza que a professora “B”. Enquanto a primeira aponta que trabalha literatura todos os dias. A Professora “B”, diz quase todos os dias ela trabalha leitura. Mas mesmo assim, observamos que a Professora “B”, parece entender que a leitura literária pode despertar no aluno o prazer pela leitura. As suas respostas, nos obriga a dizer que há uma certa confusão no que se refere a importância de uma boa aplicabilidade da leitura literária em sala de aula. Talvez pelo fato de suas respostas serem muito truncadas/fechadas.

QUESTÃO Nº: 04: Ao questionar sobre que tipo de narrativas literárias costuma trabalhar com seus alunos? Responderam:

PROFESSORA “A”:

Contos de fadas, poemas e poesias.

PROFESSORA “B”:

Contos de fadas, versos, prosas, cordel e outros, onde procuro trabalhar de forma prazerosa e eficaz, para que eles saibam identificar a literatura como uma cultura.

Tanto a Professora “A”, como a “B”, parecem trabalhar com vários gêneros textuais, principalmente o literário. A Professora “B”, está sempre enfocando o prazer nas leituras literária. O que vem surgir mais indagações, pois será que a referida professora realmente procura desenvolver o prazer de ler nas crianças? As indagações surgidas reforçar ainda mais a importância que se deve ter em implementar a literatura na vida do sujeito. Daí a necessidade de um repensar a concepção de literatura proposta em algumas escolas, e, praticas pedagógicas do professor, visto que a ênfase no ensino de literatura deve ser na práxis, contribuindo para a ressignificação do conhecimento literário, pois a literatura deve refletir e refratar a realidade deve servir de reflexo e reflexão, bem como de criação.

Sabemos que o processo de letramento mediado pela literatura infantil deve está associado aos usos socioculturais da língua escrita, ou seja, a criança, sem que perceba, está rodeada pelo mundo da leitura, pois, desde cedo faz a leitura do mundo que a rodeia. Partindo desse entendimento, recorreremos ao que apresenta Soares (1998), em relação ao “ensino da leitura e da escrita, pois apresenta que deve - se oportunizar a interação da criança com materiais reais de leitura, com diferentes gêneros textos nos seus diferentes suportes”. Ou seja, para a autora o processo de leitura não pode estar dissociado das práticas de letramento, visto que a leitura está em todo lugar e de variada maneiras. Pois entendemos que, a criança como sujeito histórico deve construir sua identidade pessoal, e/ou coletiva brincando, imaginando, fantasiando, observando, experimentando, narrando, questionando e construindo sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura no seu espaço, seja ele real ou imaginário.

QUESTÃO Nº: 05: Quando perguntamos: Você ver a leitura como fonte de prazer, saber e poder? Responderam:

PROFESSORA “A”:

A leitura por prazer é muito importante; Saber passar com autonomia é maravilhoso; Poder transmitir com euforia torna-se um trabalho valioso em sala de aula.

PROFESSORA “B”:

Quando eu leio com imaginações no mundo real e, portanto para o nosso cotidiano, visando assim a leitura por prazer nas nossas aulas.

Sugestivamente, tanto a professora “A”, quanto a “B”, apresentam certa lacuna no que perguntamos, pois parecem entender que estamos nos referindo a leitura delas. No entanto, estamos questionando de maneira geral. Pois o processo de leitura deve proporcionar ao sujeito leitor não só conhecimentos relacionados aos saberes escolares, mas sim, ao um mundo do encantamento, ampliando conhecimentos e a visão de mundo de forma que leia por prazer, saber e poder.

QUESTÃO Nº: 06: Ao indagarmos sobre se percebe alguma diferença no comportamento dos alunos depois de realizada alguma leitura literária? Responderam:

PROFESSORA “A”:

Elas ficam comentando o assunto que foi trabalhado e ficamos todos maravilhados com o que surge em relação a história.

PROFESSORA “B”:

Sim, muitos ficam pensativos e ativos em saber se aquela leitura é imaginária ou se é verdadeira e dessa forma percebe-se que os mesmos mudam de comportamento.

Entendemos que tanto na fala da professora “A”, como a “B”, apresentam que depois do aluno ler literatura mudam de comportamento. Ambas dizem que os alunos ficam maravilhados com a leitura literária, mas será que esse maravilhamento é necessariamente o despertar do prazer, poder e saber através da leitura? Eis a questão.

QUESTÃO Nº: 07: Ao questionarmos sobre se durante a contação de histórias, o comportamento dos alunos é positivo ou negativo?

PROFESSORA “A”:

Positivo, porque eles gostam desse momento literário.

PROFESSORA “B”:

Hoje na minha sala de aula posso constatar positivo, onde os mesmos ficam bem à vontade em silêncio e atento em entender a sua leitura ou a do colega e assim percebo que a forma que cada um interpreta e tudo isso é muito positivo.

A professora “A” e “B”, demonstram que a contação de histórias é fato positivo. Assim, parece em suas falas que as professoras estão trabalhando a literatura de modo a conquistar o leitor. Por isso, reforçamos dizendo que a leitura de histórias infantis quando desenvolvida de maneira prazerosa pode desenvolver na criança o pensamento crítico, a

imaginação, a subjetividade, contribuindo, também, no desenvolvimento de sua personalidade. Além de proporcionar a criança o refletir sobre o eu e o mundo. O que nos remete aos postulados de Novais (2000, P. 27) que apresenta que “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou seja, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.”

Por fim, podemos dizer que existem muitas discussões a respeito da leitura literária na escola. Assim, somos conhecedores de que o grande desafio para um ensino de literatura que desenvolva o prazer, o poder e o prazer, é desenvolver nos sujeitos formadores o refletir e buscar práticas pedagógicas que auxiliem os alunos e/os professores a veem a literatura como algo que pode criar possibilidades do sujeito ser um ser que sabe descobrir a ideologia dos textos literários, bem como sua funcionalidade, além de desenvolver a capacidade de imaginar e criticar diante do lido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber nas análises empreendidas nesta pesquisa, que apesar de as professoras apresentarem concepções variadas de leitura – desde prazer, poder, saber até forma de aquisição de conhecimentos; podemos sugestivamente, dizer que existem ainda algumas lacunas nas respostas das mesmas, bem como nas suas práticas pedagógicas. Isso posto devido termos observados 4 (quatro) aulas de cada professora e, termos percebido que a sua prática difere das suas falas. Mesmo sendo quatro aulas uma pequena amostra pudemos verificar a discordância entre discurso e prática das professoras em questão.

Assim sendo, como conhecedoras de que o grande desafio para um ensino de literatura que desenvolva o prazer, o poder e o saber, e reflita na criticidade do aluno é que acreditamos que o professor deve estar em constante busca do saber, de modo a desenvolver práticas pedagógicas que auxiliem os alunos a veem a literatura como algo que cria possibilidades do sujeito perceber a sua funcionalidade no seu dia a dia, bem como proporciona ampliação da imaginação.

Diante dessa realidade, a escola deve procurar aproveitar as capacidades dos alunos, bem como cursos de formação para os professores, principalmente os que se referem ao ensino de literatura, de modo a ampliar os conhecimentos teóricos e metodológicos do educador e, melhorar conseqüentemente sua prática pedagógica.

Logo, podemos dizer que como apresenta Paulo Freire (1984, p. 11), “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas, antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Portanto, a visão de mundo, a experiência e os conhecimentos prévios dos sujeitos leitores são fundamentais para a compreensão dos significados que se atribuem aquilo que é lido. Por fim, esta pesquisa nos proporcionou refletir sobre como está sendo implementado o ensino de literatura na escola pesquisada, bem como pudemos relacionar os conhecimentos teóricos das professoras público alvo desse estudo ao prático. Esperamos que este estudo tenha contribuído também, para que as referidas professoras reflitam e redirecione se preciso os seus procedimentos metodológicos no que se refere a formação do leitor literário.

REFERÊNCIAS

ABROMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2008.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. *Práticas de leituras*. Curitiba: Pró-Infantil, 2008.

- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Cortez. São Paulo. 1984.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- FARIA, Maria Alice. *Como suar a literatura infantil em sala de aula*. Coleção como usar na sala de aula. Contexto, 2013.
- GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2000.
- GOULART, Cecília. Alfabetização e Letramento: Os processos e o lugar da Literatura. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; 2007.
- JOSÉ, Elias. *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças* - Porto Alegre: Mediação, 2007.
- KLEIMAN, A. *Os significados do letramento*. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1995.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura?* 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- NOVAES, N.C. *Literatura Infantil*. São Paulo: moderna. 1ed, 2000.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. SPINDOLA, Arilma Maria de Almeida Spindola. *Linguagens na Educação Infantil III – Literatura Infantil – Cuiabá: Edufimt, 2005*
- SACRISTÁN, J. imeno. *El Curriculum: una reflexión sobre la práctica*, 5ªed.. Madrid, Morata, 1995. (Edição brasileira: Porto Alegre: Artmed, 1998)
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica. 1998ª.
- SOLÉ, I Estratégias de leitura. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2008.